



Araçatuba, 2024.

MINIMEMÓRIAS

Do interior de São Paulo para o mundo. Sem medo.

De Araçatuba a Piracicaba, de Piracicaba a Ithaca, de Ithaca ao Texas. Luis Orlando Tedeschi conta o que custou, o que ganhou, e por que ainda joga xadrez num computador dos anos oitenta.

POR **LUIS ORLANDO TEDESCHI**

DOIS LIVROS POR SEMANA

Eu nasci em Araçatuba, no interior de São Paulo, em 1969. A Biblioteca Municipal deixava levar para casa dois livros por semana. Para mim era pouco, então eu lia os outros lá mesmo, sentado entre as estantes. Acho que foi ali que aprendi a única coisa que uso todos os dias até hoje: a curiosidade não respeita o limite que alguém escreveu na porta.

Havia de tudo naquela infância. Judô, de 1976 a 1986, que me ensinou controle, disciplina e respeito. Violão clássico, que comeci a estudar no ensino fundamental e larguei no primeiro ano do colegial. Xadrez, que nunca larguei. A matemá-

tica, com o professor Zé Luiz e o jogo de Nim. E Carl Sagan e 2001: Uma Odisseia no Espaço, que me deixaram olhando para cima pelo resto da vida.

E os computadores. O primeiro foi um CP 300. Depois, em 1982, um CP 500, o que eu mais amei e do qual não tenho uma única fotografia. Eu ainda não sabia, mas um menino que programa um computador brasileiro de fita cassete está treinando para ser modelador.



CP 400 Color, da Prológica.

PIRACICABA: UM ENGENHEIRO AGRÔNOMO NA FRONTEIRA



ESALQ, Piracicaba.

Entrei na ESALQ em 1987 e me formei engenheiro agrônomo em 1991. Não zootecnista: engenheiro agrônomo. Faço questão de dizer isso, porque quase todo mundo supõe que eu vim da nutrição animal. Vim do solo e da planta. Foi também em Piracicaba, como estagiário no CIAGRI, o centro de informática da escola, que conheci a minha esposa. Ela era estagiária também.

No mestrado em Ciência Animal e Pastagens, com o professor Celso Boin, estudei curvas de crescimento de bovinos Guzerá e seus cruzamentos a pasto. Ali apareceu a pergunta que eu nunca mais larguei: por que dois bois iguais, do mesmo lote, comendo a mesma ração, engordam de forma diferente? A tabela dizia que eles deveriam ser iguais. Não eram. A tabela descrevia a média de uma população, e eu queria entender o indivíduo.

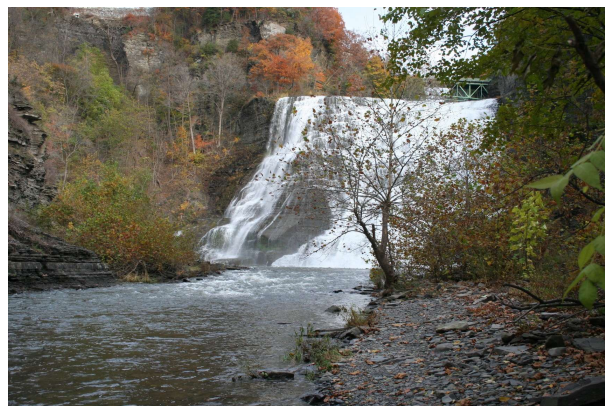
Em 1994, o professor Danny Fox, da Universidade Cornell, veio à ESALQ dar uma palestra sobre o CNCPS, o modelo de nutrição de bovinos que o grupo dele construía. Quem me apresentou a ele foi o professor Celso Boin. Conversamos, e ele me convidou para ir para Cornell. Até hoje eu guardo as gravações daquelas palestras. Numa fita.

“Ninguém é convidado por ter escrito uma carta bonita. Alguém abre a porta, você já está fazendo o trabalho, e alguém percebe.”

Depois do mestrado veio um ano que quase ninguém conhece: uma bolsa da FAPESP, com o professor Celso Boin, em que eu construí, numa planilha eletrônica, um sistema de exigências e de formulação de dietas baseado no CNCPS. Quando cheguei a Cornell, eu não fui aprender modelagem

do zero. Fui para o lugar onde aquilo que eu já fazia tinha sido inventado.

ITHACA: OITO ANOS, TRÊS DELES SEM GARANTIA



Ithaca Falls, Nova York.

Em 1997 me mudei para Ithaca, no estado de Nova York. Doutorado em Ciência Animal com o professor Danny Fox, defendido em 2001; depois pós-doutorado, e depois três anos como *research associate*, já como membro do corpo docente de Cornell, com o meu nome na porta. Oito anos ao todo.



Com Danny Fox, 2013.

Gosto de desfazer a ideia de que isso foi um salto. Num relatório da FAPESP de 1997, escrito ainda em Piracicaba, já havia um artigo em preparação assinado com o Fox. A ponte existia antes da mudança. É assim que essas coisas acontecem de verdade: ninguém é convidado por ter escrito uma carta bonita. Alguém abre a porta, você já está fazendo o trabalho, e alguém percebe.

Ninguém põe no currículo a parte que dói, então eu ponho aqui. A língua: escrever ciência em inglês não é falar inglês, e o meu primeiro manuscrito voltou coberto de vermelho. A distância: família, amigos, casamentos, enterros. Essa conta não se paga de uma vez; é uma prestação mensal, por décadas. E o tempo: oito anos entre chegar a Ithaca e ter uma vaga permanente, três deles com um contrato que podia simplesmente não ser renovado.

Tive muitos dias difíceis em Ithaca, e foi deles que saiu um ditado que repito até hoje. As coisas ficam difíceis, às vezes

muito difíceis, e há dias em que a gente se sente cansado e desanimado. Tudo bem desistir. Por cinco minutos. Deixe o cansaço chegar, sinta o desânimo. Depois, volte ao trabalho.



Ithaca, Nova York.

“Tudo bem desistir. Por cinco minutos.”

Mas eu ganhei coisas que não sabia que estava comprando. Conviver com quem trabalha no nível mais alto muda para sempre o que você considera “bom o suficiente”. Os colegas de bancada de 1998 viraram os editores, os revisores e os co-autores de hoje. E eu entrei num grupo que construí modelos, e saí sabendo construí-los, não apenas usá-los.

Isso não se aprende lendo; conteúdo está em livro, e um bom livro chega a qualquer lugar. Aprende-se por convivência, com gente como o professor Van Soest. E redes não se constroem em congresso, trocando cartão. Elas se acumulam,



Research associate, Cornell: o meu nome na porta.

ao longo de décadas, com pessoas que trabalharam ao seu lado quando ninguém era ninguém ainda.

Meu primeiro artigo como primeiro autor no *Journal of Animal Science* saiu em 2000, sobre nitrogênio no rúmen.

TEXAS: A NEVE ME ACHOU

Em agosto de 2005 nos mudamos para College Station, no Texas, onde entrei como professor assistente na Texas A&M. Associado em 2010, titular em 2015. Eu saí de Ithaca convencido de que tinha deixado a neve para trás para sempre. Em fevereiro de 2021, ela me encontrou, e com vontade. Outros invernos trouxeram neve e chuva congelada também. Entre o temperado e o subtropical, tudo é possível: as quatro estações

num só dia. É uma boa metáfora para uma carreira: você muda de lugar, mas os problemas que são seus vão junto.



Texas, fevereiro de 2021.

O meu trabalho cabe numa frase: dar a cada animal o que ele precisa, nem mais nem menos, e conseguir prever isso antes de alimentá-lo. Isso virou software. Os sites dos nossos modelos já tiveram mais de trezentos mil acessos, e os países que mais acessam são Austrália, Brasil, Estados Unidos e Canadá. Um modelo publicado num artigo é um argumento. Um modelo que alguém baixa e usa numa fazenda é uma ferramenta. Passei a carreira tentando transformar argumentos em ferramentas.

O “antes” é a parte difícil. Depois de alimentar, qualquer um mede. Prever exige saber o que o alimento realmente oferece, não o que a tabela diz; o que o animal realmente precisa, que muda com o tamanho, com a composição corporal e com o ambiente; e um modelo matemático que faça a conta com honestidade sobre a própria incerteza. E o excesso também é um erro. Sobrealimentar não é generosidade: é nitrogênio no lençol freático, metano na atmosfera e dinheiro no chão. Precisão sempre foi, ao mesmo tempo, uma agenda econômica e uma agenda ambiental.

“Um modelo publicado num artigo é um argumento. Um modelo que alguém baixa e usa numa fazenda é uma ferramenta.”

E as ferramentas viajam sozinhas. Foram mais de duzentas atividades científicas em vinte países, cento e quarenta delas a convite. Eu nunca pedi para falar em lugar nenhum.

Na Sardenha, uma colaboração com o professor Antonello Cannas, da Universidade de Sassari, começou em 2005 e dura até hoje. Dela saiu o SRNS, o modelo para pequenos ruminantes que está por trás do NRC de 2007. Colaboração longa não se sustenta só com projeto. Sustenta-se com amizade, com visita, com a família junto, e com muita comida boa.



Com Antonello Cannas, na varanda de casa, College Station, 2016.



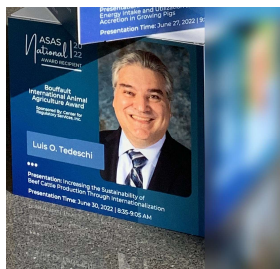
Com a minha esposa e a nossa filha Nicole, Sassari, 2022.

Em 2016, a conversa era na varanda da nossa casa, em College Station. Em 2022, na Sardenha, com a minha esposa e a Nicole junto, ela continuou numa degustação de vinhos em Sassari.

O RECONHECIMENTO CHEGA ATRASADO

Meu primeiro prêmio veio em 2011, vinte anos depois da formatura e seis anos depois de já ser professor. Entre 1991 e 2011 eu não estava fazendo nada de errado; estava fazendo exatamente o que faço hoje, só que sem plateia.

Quando o reconhecimento chega, chega de um jeito meio cômico: em 2022, na reunião anual da Sociedade Americana de Ciência Animal, em Oklahoma City, o meu rosto apareceu impresso num cubo de papelão no saguão do centro de convenções. Era o prêmio Bouffault, de agricultura animal internacional. Ele premiava exatamente as viagens, as colaborações e os alunos brasileiros de vinte anos, coisas que eu nunca fiz pensando em prêmio.



Prêmio Bouffault, ASAS-CSAS, Oklahoma City, 2022.

Hoje são mais de trezentos e cinquenta artigos avaliados por revisores. Os primeiros anos, no gráfico, são barrinhas de um ou dois artigos. Ninguém olhando para elas diria aonde a curva iria chegar. Mais da metade do que publiquei saiu depois dos vinte e quatro anos de formado. Produtividade científica não é velocidade; é infraestrutura acumulada: alunos, colaboradores, ferramentas. A cabeça não ficou melhor com o tempo. O que mudou foi que, a certa altura, já existiam alunos, colaboradores em quatro continentes e ferramentas prontas para serem reaproveitadas. O investimento que parece mais lento nos primeiros dez anos, formar gente, construir ferramenta, manter colaboração, é justamente o que decide os vinte seguintes.

LIMPAR A MENTE E ALIMENTAR O EGO

Eu sou um ser humano normal, e acho importante dizer isso. Ter hobbies que nos tiram das tarefas do dia a dia serve para limpar a mente e, sejamos honestos, para alimentar um pouco o ego.



Xadrez no meu CP 400.

O xadrez continua: Defesa Siciliana, Ruy Lopez, e às vezes contra um CP 400 Color da Prológica que eu guardo funcionando. Pensar várias jogadas à frente é modelagem com peças de madeira. Coleciono computadores antigos: CP 400, um Expert da Gradiente, e hoje um Raspberry Pi. Jogo tênis desde 1989. Leio muito, ainda. Tenho uma paixão pelas abelhas sem ferrão. E fotografo tudo, com mais câmeras do que eu deveria ter.



O escritório de casa, 2017.



O eclipse de 2024, com a Nicole.

O cosmos de Carl Sagan também continua. No chão do escritório de casa, numa pilha de livros, estão *Cosmos*, *Pale Blue Dot* e *Shadows of Forgotten Ancestors*. O hobby e o trabalho moram no mesmo cômodo. Em 2024 vimos o eclipse com a nossa filha, Nicole.

Nenhuma dessas coisas está no meu currículo. Todas elas estão em mim.

SEIS REGRAS, E UMA CERTEZA

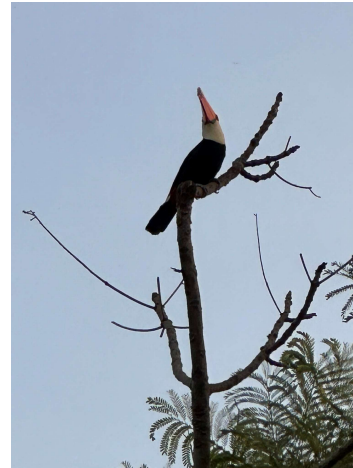
Quando me pedem conselho, eu tenho seis regras, e nenhuma é original; todas custaram caro. Ache a sua pergunta, não o seu tema: tema muda com o edital, pergunta sustenta trinta anos. A formação que parece errada é o seu trunfo, desde que você não a esconda; um engenheiro agrônomo em nutrição animal foi desvantagem por dois anos e vantagem por trinta. Vá onde a pergunta está: mobilidade não é deslealdade, e sempre dá para voltar. Construa ferramentas, não só artigos. Faça o trabalho chato de fundação, porque ninguém quer fazer, e é exatamente por isso que ele rende. E aprenda a esperar: a ciência paga com atraso, e em juros compostos, mas só para quem fica.

Não tenho uma sétima regra sobre o equilíbrio entre trabalho e vida, porque essa eu não acertei. Mas tenho uma certeza: tempo com a família nunca é tempo perdido. A carreira vai exigir viagens, prazos e noites, e vai continuar exigindo. A família é que não espera. A formatura da Nicole, em 2020; a Nicole recebendo o anel da Texas A&M, em 2023. Nenhum artigo, nenhum prêmio, vale mais do que estar lá nesses dias.

SEMPRE DE VOLTA

Por muitos anos achei que tinha ido embora do Brasil em 1997. Olhando com distância, é evidente que não. Coordenei um consórcio Brasil–Estados Unidos financiado pela CAPES e pelo FIPSE, que levou dezenove estudantes brasileiros de graduação aos Estados Unidos. Desde 2011, todo verão, levo estudantes americanos na direção contrária, para conhecer a produção de ruminantes no Brasil. Dez dos meus dezessete pesquisadores visitantes eram brasileiros. Isso não foi um

plano. Foi gravidade. Pirassununga, Viçosa, Botucatu: ao longo dos anos, as instituições brasileiras receberam a mim e aos meus alunos do mesmo jeito que este Programa me recebeu um dia.



Tucano, Araçatuba, 2023.

E quando eu volto para casa, em Araçatuba, quem me recebe são os vizinhos de sempre: tucanos no quintal, corujas-buraqueiras no gramado, curicacas na chaminé. É esse o interior que eu carrego comigo.

Em novembro de 2026, o Programa de Pós-Graduação em Ciência Animal e Pastagens da ESALQ

completa sessenta anos. O que um programa como esse faz, quando funciona, é apostar em gente que ainda não provou nada: um engenheiro agrônomo que queria mexer com nutrição animal e não sabia direito o que estava fazendo, por exemplo. Eu fui uma dessas apostas.

Pessoas também apostam. Em 2006, na Cornell Nutrition Conference, terminei a minha palestra agradecendo ao Danny Fox com uma frase atribuída a G. K. Chesterton. Repito-a aqui, porque ela continua verdadeira:

“Há um grande homem que faz todos se sentirem pequenos. Mas o verdadeiro grande homem é aquele que faz todos se sentirem grandes.”

G. K. CHESTERTON

Por isso, quando falo com estudantes, termino sempre do mesmo jeito. Eu sou do interior de São Paulo, de Araçatuba. Não existe um lugar certo de onde a ciência boa tem que sair, e ninguém precisa pedir licença para ir. O mundo é grande, mas não é tão grande assim, e não é de ninguém. Vão. Sem medo. E, se der, voltem para contar. ■

Luis Orlando Tedeschi é professor titular do Departamento de Ciência Animal da Texas A&M University. Engenheiro agrônomo pela ESALQ/USP, mestre em Ciência Animal e Pastagens pela mesma escola e doutor pela Cornell University.

Texto preparado para a comemoração dos 60 anos do Programa de Pós-Graduação em Ciência Animal e Pastagens da ESALQ (PPGCAP), em 6 de novembro de 2026. Fotos: arquivo pessoal do autor.